



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EMILLY SARAIVA DA SILVA

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA

BRASÍLIA

2016

Emilly Saraiva da Silva

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso
de Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como requisito para a
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Patrícia Lima Martins Pederiva

BRASÍLIA

2016

SILVA, Emilly Saraiva

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA / Emilly Saraiva da Silva. –
Brasília, 2016.

31 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília,
Faculdade de Educação, 2016

Orientação: Prof^a. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

1.Educação; 2.Escola; 3. Experiências; 4.Estudante; 5.Professor

Emilly Saraiva da Silva

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso
de Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como requisito para a
obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a PhD Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)
Departamento de Métodos e Técnicas/FE/UnB

Daniela Lobato do Nascimento
Mestranda PPGE/UnB

Tatiane Ribeiro Moraes de Paula
Mestranda PPGE/UnB

Murilo Rezende
Doutorando- PPGE/UnB (Suplente)

Data da aprovação ___/___/___

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre apoiou essa louca, porém maravilhosa escolha de ser professora, e a todos os educadores guerreiros que batalham diariamente por uma educação diferente da que é imposta nas escolas tradicionais.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de muitos questionamentos e inquietações em relação a escola, então nada mais justo que começar agradecendo as escolas por onde passei, que fizeram parte da minha construção social e contribuíram muito para a formação de quem sou.

Toda relação seja ela passageira ou duradoura, contribui para a formação de quem somos, do que pensamos e fazemos. Algumas pessoas mesmo sem saber, fizeram toda a diferença para que eu pudesse chegar até aqui e a elas e a todas as que acompanharam esse processo de perto, eu só posso dizer muito AMOR e GRATIDÃO, gratidão:

Ao Deus que eu acredito, que me protege e me ampara e a todas as vibrações positivas que estão em minha volta.

A minha mãezinha, que mesmo tendo fugido do script do processo escolar, sempre lutou para não deixar faltar nada a mim e a meus irmãos, me mostrando mesmo sem perceber, que o “fracasso escolar” não é culpa do estudante e que a escola não pode definir os rumos de nossas vidas.

A tia Cris, tio Hélio e meu primo Miguel, que me incentivam diariamente a não desistir dos meus objetivos e que tentam suprir da maneira mais linda, com todo amor e proteção (as vezes até demais), a falta que sinto dos familiares que deixei em São Paulo.

A família Noletto, que me acolheu nessa cidade desde o primeiro dia com todo amor e carinho, me mostrando que o sentido de família vai muito além dos laços sanguíneos.

Aos meus irmãos, que são uma das coisas mais preciosas que tenho na vida e que me fazem lutar por um mundo melhor, pois é o mundo onde quero que eles vivam.

A meu pai, que se tornou para mim um exemplo de determinação e superação.

A toda minha família, que está sempre ao meu lado, mesmo que em outro Estado e por todo amor e torcida para que eu tenha um futuro bom.

A todas as pessoas que conheci na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, lugar que vivo diariamente uma linda relação de amor e ódio.

Ao Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido, entidade que me colocou no movimento estudantil de pedagogia, movimento esse que tenho ORGULHO de fazer parte, que me faz pensar e buscar uma nova educação, que me fez conhecer e construir amizades maravilhosas, espalhadas por todo o Brasil.

Ao Programa de Educação Tutorial, que me permitiu ter experiências incríveis tanto dentro como fora da sala de aula desde meu 2º semestre na graduação, por me fazer aprender na marra em meio a meu perfeccionismo e falta de confiança no outro, que o trabalho em grupo significa DIVISÃO de responsabilidades.

A todos os meus amigos que poderia, mas não precisarei citar nomes, pois se identificarão e sabem o que sinto, pelo companheirismo e por estarem sempre presentes, me aturando em meus momentos de alegrias, de crise de desespero, de autoritarismo, de choro, inquietação enfim, sem vocês minha caminhada seria bem chata.

A minha querida orientadora Patrícia Pederiva, por todo carinho e paciência, por não ter desistido de mim e não ter me deixado desistir também, por ter acreditado em mim quando nem eu mesma acreditava, me salvando nos quarenta e cinco do segundo tempo e me fazendo marcar um GOOOOL, que eu nunca mais esquecerei. Você é INCRIVEL Patrícia e se eu não tivesse tido o prazer de te conhecer e trabalhar com você, diria que você não existe.

E para finalizar, a todos os estudantes que estão na ocupação da Faculdade de Educação, defendendo nossos ideais, buscando uma educação melhor e uma escola diferente, que em meio a tanta repreensão, não desistem de lutar.

“A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho apresenta um breve histórico do processo de construção da instituição escola, além de dialogar com as leis que tratam sobre a educação e a escola no Brasil, fazendo um paralelo da teoria e a nossa realidade, faz também uma crítica ao sistema vigente hoje e traz perspectivas de uma nova educação, de uma nova escola.

O trabalho foi feito a partir de uma pesquisa bibliográfica referenciando diversos autores, mas traz muito da perspectiva histórico cultural.

Palavras-chave: Educação – Escola – Experiências – estudante - professor

ABSTRACT

The present work presents a brief history of the construction process of the school institution, besides dialoguing with laws that deal with education and school in Brazil, making a parallel of theory and our reality, also makes a critique of the system in force today and brings perspectives of a new education, of a new school.

The work was done from a bibliographical research referencing several authors, but brings a lot of historical cultural perspective.

Keywords: Education - School - Experiences - Student - Teacher

Sumário

MEMORIAL E INTRODUÇÃO	11
A FUNÇÃO DA ESCOLA: DIALOGANDO COM A HISTÓRIA	14
DIALOGANDO COM AS LEIS	17
A CRÍTICA À ESCOLA	22
A ESCOLA QUE SONHAMOS	25
CONCLUSÕES	28
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

MEMORIAL E INTRODUÇÃO

“Eles impõem a verdade absoluta e se você refuta, a resposta vem com força bruta.”

Forfun

Sou Emilly Saraiva da Silva, 22 anos, nascida em Araguaína - Tocantins, criada no Maranhão, depois em São Paulo, e vivendo atualmente nesse "quadrado" chamado Distrito Federal. Carrego comigo um pouco de cada lugar que já vivi ou por onde passei, das histórias que presenciei ou das que só ouvi falar, sou uma construção social em mudança diariamente.

Embora insegura, muito curiosa e apaixonada pelo novo, indecisa, mas determinada quando descubro o que realmente quero, sentimental ao extremo, estou sempre tentando deixar a razão me acompanhar, apaixonada pelo mundo como um todo e pela singularidade de cada ser humano. Sonho em viajar o mundo e conhecer e vivenciar um pouco de cada cultura. Sou movida pelas causas sociais e desejo por justiça, o que já me fez desejar entrar para o campo da política, mas desisti, pois, comecei a acreditar que é através da educação que um novo caminho será possível, que a mudança deve ser feita de baixo para cima, que se for possível uma educação que liberte, que permita o pensar crítico, um dia teremos uma sociedade que lute pela equidade e assim, também, um pouco de paz e justiça e quero fazer parte disso.

Sou uma das poucas pessoas da minha família (materna e paterna) a concluir o ensino médio e, a primeira a entrar na graduação e em uma universidade pública. Meus pais só estudaram até a 6ª série do ensino fundamental, minha mãe largou a escola quando engravidou de mim e depois, como teve que trabalhar para nos sustentar, não conseguiu voltar a escola, escola essa que, embora todos a fizessem acreditar que era necessária, não fazia para ela o menor sentido estar ali. A não ser, por acreditar que sem os estudos ela não seria ninguém, o que me incomoda muito, pois a sociedade a faz acreditar nisso até hoje.

Meu pai largou a escola para ajudar minha avó na confecção de roupas e depois se mudou para o Japão a trabalho, em busca de novas experiências e de uma vida melhor. Ambos não concluíram todo o processo de educação escolarizada, mas isso não os fez menos inteligentes ou capazes que qualquer outra pessoa e embora as dificuldades financeiras enfrentadas diariamente, inclusive dificuldades estas que até mesmo os mais escolarizados não estão livres de terem que enfrentar, ambos vivem normalmente, se comunicam, trabalham, têm suas relações pessoais. A partir daí comecei a me questionar, o motivo pelo qual passamos quinze anos de nossas vidas dentro da escola, aprendendo a obedecer a ordens

e tentando ser igual a todo mundo.

Minha mãe sempre me ensinou a respeitar os mais velhos, e eu associava isso também a obedecê-los, então, quando me falavam que eu devia ir à escola para estudar, e não brincar, eu obedecia. Fiz isso durante todo meu processo de escolarização, passei por cinco escolas distintas, em três estados diferentes, só não era diferente o jeito de ensinar, bem como a organização das mesmas, mas eu também nunca me importei com isso. Para mim, a escola era um local onde eu deveria ir todos os dias, prestar atenção nas aulas e tirar notas boas, para que assim eu tivesse um futuro melhor. E eu acreditava realmente e defendia isso, não é a toa que sempre tirei notas muito boas, fui aluna destaque várias vezes (coisa que sempre me incomodou muito) e por isso era considerada "puxa saco" das professoras.

Não vou dizer que não gostava da escola, pois eu gostava sim, mas quando paro para pensar o motivo que me levava a gostar, não me vem nada muito marcante em mente. Acho que o principal motivo era porque nela eu passava boa parte do meu tempo com pessoas diferentes, pois, embora tímida, sempre tive facilidade em fazer amizades e me comunicar, mesmo que em certos períodos, o fato de me dedicar tanto aos estudos e levar a escola muito a sério tenha dificultado minhas relações pessoais naquele ambiente, pois ou eu era tratada como a diferente/nerd do grupo ou as pessoas se aproximavam apenas por interesses. Mas, ao me perguntar o que aprendi na escola, além de ler, escrever e somar, não me lembro de mais nada e então, volto a me perguntar, por que a escola é tão necessária se passamos tanto tempo dentro dela e não lembramos de nada no fim? Qual é o papel da escola? A escola atual tem cumprido sua função?

Outro fato que me fez refletir muito e querer entender qual a função da escola, foram às discussões sobre a Lei da Maioridade Penal. Assim como tantas outras pessoas, eu sou contra, por acreditar que o "castigo" não é a melhor solução, não podemos tratar a prisão desses adolescentes apenas como causa e efeito por acreditar que é papel do Estado identificar o que tem levado à violência juvenil e trabalhar em cima disso, promover mecanismos para que a criança e o adolescente se desenvolvam e tenham oportunidades na vida. Um desses meios é dar acesso à educação, cultura e lazer para os mesmos. Ouvi muito as pessoas e até mesmo eu, defender a ideia de "MAIS ESCOLA e menos cadeias", "A EDUCAÇÃO SALVA", mas que educação e escolas são essas que tanto falamos? Como defender essa ideia se não acho a escola interessante o suficiente para fazer as pessoas terem vontade de frequentá-la, irem por prazer e não obrigação ou rito social?

A nossa sociedade vive um processo de mudança diária, tudo se transforma, a maneira de falar, de se vestir, de se comportar, os mecanismos de trabalho, a ciência e enfim, mas a

escola continua a mesma, exatamente como era a dez, quinze, vinte anos atrás e os estudantes começaram a perceber e pedir mudanças. Podemos ver isso com as ocupações dos secundaristas em São Paulo, no Rio e em Goiânia, vi as mesmas como um grito de ‘Nós acreditamos na escola, mas precisamos melhorá-la’.

Outro fato é que tenho um primo de onze anos que mora comigo e em meio a uma de nossas conversas, ele disse que gosta da escola, pois lá ele aprende coisas novas todos os dias, e mesmo que faça isso em casa também, lá ele tem os professores que são profissionais na área e conseguem explicar melhor, mas que gosta mesmo é do momento da recreação, onde ele se diverte com os amigos e que tem matérias que ele não entende porque tem que aprender. Deu o exemplo do inglês e alegou que não vai sair do país então, não precisaria saber o português, pois disse que já sabe falar e escrever. No caso da matemática, disse que já temos calculadora e computadores que fazem tudo por nós, entre outros exemplos.

São muitas as situações que me fazem questionar o papel da escola, e me trouxeram até esse tema, principalmente ao perceber que as pessoas se transformam dentro de ambientes de escolarização, todos os meios em que estamos inseridos tem uma finalidade, um papel social, digo isso, pois consigo separar e me ver antes e depois da universidade, do movimento estudantil, do Programa de Educação Tutorial, das escolas onde estive inserida, tanto como aluna como educadora, então qual o papel social da escola, da educação? Podemos sonhar com outra escola?

Para tentar responder essas questões, dialogarei, por meio deste ensaio com a história, com as leis, com autores que criticam e que sonham uma outra escola.

A FUNÇÃO DA ESCOLA: DIALOGANDO COM A HISTÓRIA

“O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção”. (Paulo Freire)

Houve um tempo em que o ensino elementar era ministrado na casa dos próprios professores, professores esses que apenas sabiam ler e escrever, as crianças recebiam os ensinamentos juntas e o ensino era basicamente o catecismo, as primeiras letras e cálculos.

As primeiras escolas no modelo que temos hoje, com seriação, professores e estudantes, foram criadas na Europa no século XII e desde então a sociedade em geral tem sofrido diversas mudanças diariamente, principalmente com o crescimento das tecnologias. Exceto as escolas. Podemos notar isso ao compararmos uma sala de aula com um consultório médico, pois “um médico que entrara em um consultório na década de 1930 não saberia fazer uma operação num consultório dos anos 2000; um professor da década de 1930 entra numa sala hoje e seria totalmente capaz de dar a mesma aula. O mundo muda as salas de aula nem tanto” (BOMFIM, 2015, P.14).

A palavra escola vem do grego *scholé*, que significa “lugar do ócio”, (FUJITA, 2016), esse termo era utilizado, pois assim que eram vistos estes estabelecimentos de ensino, como lugares aonde as pessoas iam para passar o tempo livre.

Para os gregos o papel do professor era formar futuros governantes, o mesmo não deveria ensinar de acordo com suas concepções, mas de acordo com a exigência da sociedade. Os responsáveis pela educação dessa elite eram filósofos que geralmente ensinavam política, artes, aritmética e filosofia, para grupos pequenos de seguidores.

Já nas comunidades intituladas primitivas, a educação era dada informalmente, visando o ensino das práticas da vida coletiva, das necessidades locais e para sobrevivência, não havia uma educação confiada a um indivíduo superior ou instituição específica, “cada indivíduo tinha sua função e os ganhos eram repartidos igualmente. Não havia excedente na produção e a sociedade vivia em função da subsistência coletiva” (BOMFIM; 2015). Isso até o surgimento de novas técnicas de produção, que fizeram o trabalhador conseguir produzir mais do que o necessário para sua sobrevivência e de sua família e em função disso começou a ser feito o que chamamos de intercâmbio dessas mercadorias, o que gerou uma visão

individualista entre os indivíduos que antes trabalhavam pelo bem coletivo e passaram a trabalhar pensando no acúmulo de fortunas e nas concepções de valor de cada trabalho. Com isso, podemos dizer que

[...] com o desaparecimento dos interesses comuns a todos os membros iguais de um grupo e sua substituição por interesses distintos, pouco a pouco antagônicos, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: a desigualdade econômica entre os “organizadores” – cada vez mais exploradores – e os “executores” – cada vez mais explorados – trouxe, necessariamente, a desigualdade das educações respectivas (PONCE; 2007 apud BOMFIM; 2015, p. 17).

O surgimento da escola e a forma que se dá seu processo de escolarização está ligado sem dúvidas ao desenvolvimento do capitalismo. Durante o período da Revolução Industrial, houve a necessidade de mão-de-obra (barata) para operar as máquinas e para isso era necessário que os funcionários tivessem no mínimo uma instrução básica. Adam Smith, teórico do Capitalismo, defendia que a educação era necessária e deveria ser dada em pequenas doses às massas, e assim fez a burguesia, pois viu que através da educação poderia controlar e disciplinar de uma vez só, centenas de trabalhadores.

“Vemos aí que a Escola surge com funções ideológicas: inculcar na grande massa os valores e normas da classe dominante, mostrando a função de cada um conforme sua classe de origem” (SALES, 2009, s.d.), “as fortunas e posses determinavam o status social, e os proprietários, tidos como nobres, eram os únicos que tinham clareza de seu status e passaram a se utilizar da educação para manter-se nessa posição. Aqui nasce a raiz opressora da educação” (BOMFIM; 2015, p. 18), e tal situação não é vista pela massa, pois a escola é tida como uma instituição neutra, ou seja, trata todos de maneira igualitária e apartidária, inclusive um dos maiores debates relacionados à escola nos últimos tempos tem sido o Projeto de Lei Do Senado Nº 193 de 2016, que retoma as discussões acerca da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, do "Programa Escola sem Partido”.

Ao chegarem ao Brasil em aproximadamente 1550, os jesuítas criaram as primeiras escolas que serviriam para formar sacerdotes e catequizar os indígenas, além da educação da elite nacional. A Companhia de Jesus em 1599 reformulou seu plano de atuação, o Ratio Studiorum, que era totalmente influenciado pela cultura europeia e privilegiavam uma cultura intelectual idealizada em nome da Igreja Católica, era um, se não o mais perfeito instrumento de controle.

A educação pública estatal teve início na Alemanha e na França, mas como em todo o processo anterior, não tinha o interesse de atender a classe trabalhadora. No Brasil ela começou a ser pensada no final do séc. XIX quando teve início o processo de industrialização

do país, mas o debate sobre a educação só passou a ser realmente feito no início do século XX a partir das discussões entre alguns intelectuais brasileiros, que começaram o movimento escolanovista na década de 20, que surgiu como uma crítica à educação tradicional e em busca da universalização do ensino no país.

A partir desse movimento surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), documento liderado por Fernando de Azevedo e assinado e apoiado por cerca de vinte e seis intelectuais, entre eles Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles.

Tal manifesto surgiu porque não havia ainda um sistema escolar adequado ao país, dando uma forma mais racional à educação, cientificando-a, ele defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita.

O movimento que propunha essa reforma na educação nas escolas foi alvo de forte crítica da Igreja Católica, que até o momento era quem educava, ou como prefiro dizer, doutrina a população, a crítica veio, pois com tal proposta a Igreja acabaria perdendo seu poder e naquela conjuntura era ela uma forte concorrente do Estado no que se referia à educação.

Todo o processo histórico apresentado até aqui, mostra que a escola não foi pensada para a classe trabalhadora, a educação era dada em pequenas doses e era tida como forma de controle das classes mais abastadas, pois os nobres viam a educação como uma forma de libertação, de ascensão social, aquele que obtivesse mais educação estaria no topo da escala social e embora alguns tenham lutado para uma educação libertadora, como a proposta do Manifesto dos Pioneiros, a escola que temos hoje ainda carrega muito desse pensamento hierárquico, controlador.

DIALOGANDO COM AS LEIS

A Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº9.394 – 1996), que rege a educação escolar, ou seja, a educação oferecida em instituições “próprias”, diz em seu Art. 1º que a educação abrange processos de formação que se desenvolvem em diversos âmbitos, seja na vida familiar, no trabalho, nas relações com o outro, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos e organizações sociais e nas manifestações culturais, no entanto essa mesma Lei estabelece que “a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver” (BRASIL, 2014, p. 18), obrigando o estudante a passar mais de 50% dos dias do ano na escola, pois o estudante passa aproximadamente 4 horas por dia, 5 dias na semana, 9 meses no ano dentro da escola, mais especificamente dentro da sala de aula, além do tempo que é destinado em casa para a realização de atividades pertinentes a escola, isso mostra que mesmo ao assumir que a educação se dá em outros âmbitos, o ensino escolar tem prioridade.

Como se fosse pouco o tempo em que os estudantes são obrigados a passarem na escola, foi lançada uma Medida Provisória 746/2016 que prevê a ampliação da carga horária anual do ensino médio de 800 h para 1.400 h, o transformando em ensino integral, mudando assim o art.24 da LDB. Essa medida retira a obrigatoriedade da oferta de Educação Física e Artes, alterando os parágrafos 2 e 3 do artigo 26 da LDB que dizem:

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. § 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação (BRASIL, 2004, p. 19).

Além da oferta de Artes e Educação Física, deixam de ser obrigatórias também as disciplinas de Sociologia e Filosofia, alterando o inciso IV do artigo 36 da LDB que estabelece “serão incluídas a filosofia e a sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio” (BRASIL, 2004, p. 25).

Essa Medida tomada sem o diálogo com professores e estudantes, tal como ela é, mostra mais uma vez como o Estado trata a educação e como utiliza a escola para o controle social, nesse caso tirando a obrigatoriedade dessas disciplinas que fomentam o pensamento crítico e social, que trabalham a cultura e diversidade, em um momento onde os estudantes começaram a mostrar suas insatisfações e a se manifestar em busca de seus direitos, para colocar no lugar o ensino técnico, que prepara exclusivamente para o trabalho, produzindo de

forma massiva mão de obra de forma barata.

Segundo Althusser, citado por Bonfim, (2015), a escola, por dispor de mais tempo que a própria família, é colocada como a principal responsável pela construção das subjetividades dos jovens e, ao assumir o papel de aparelho ideológico, passa a servir como instrumento de doutrinação e dominação a serviço do Estado e de quem o controla.

O artigo 3º da LDB está em consonância com o artigo 206 da nossa carta Magna, a Constituição Federal e visa a oferta e condições de um ensino de qualidade, assim como está previsto no capítulo IV que trata do direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), diz em seu Art.53 que:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - direito de ser respeitado por seus educadores;
- III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

(BRASIL, 1990)

Logo abaixo, consta no Art. 54, inciso V que é papel do Estado fornecer aos educandos acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.

Tendo em vista o que é previsto em Lei, toda criança e adolescente deveria ter o direito de acesso a uma escola pública, perto de sua residência, mas os números de vagas nas escolas não são suficientes e famílias têm que lutar para consegui-las e acabam muitas vezes tendo que matricular seus filhos em escolas distantes de casa, o que pode prejudicar o bom desempenho e até mesmo a permanência do estudante na escola. Segundo pesquisa apresentada pela Uol (2013) “com a taxa de 24,3%, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), só atrás da Bósnia Herzegovina (26,8%) e das ilhas de São Cristovam e Névis, no Caribe (26,5%)”. O Estado obriga que crianças e adolescentes estejam matriculados e frequentando regularmente a escola, porém não investe para a abertura de novas vagas ou programas de assistência para a permanência, pois muitos conseguem entrar, porém não concluem os estudos, a evasão escolar se dá por diversos fatores, dentre eles posso destacar principalmente por conhecer casos pessoais em que a escola fica distante de casa e falta de transporte escolar, o que dificultam a ida do estudante para a escola, tendo em vista que normalmente seus

responsáveis passam o dia trabalhando e assim não tem quem deixe a criança na escola...

A Lei garante também que é direito dos estudantes serem respeitados pelos seus educadores, isso inclui o respeito ao seu tempo e modo de aprendizagem e a contestar os critérios avaliativos, atitude que não é muito comum pelo fato dos estudantes não terem essa informação ou não serem educados criticamente para isso, além da instituição escola na maioria das vezes fazer o professor ser tido como o dono do da sala de aula, o detentor de todo o saber, que é depositado nos estudantes que são desprovidos de seus próprios pensamentos, atitude denominada por Paulo Freire de educação bancária, os estudantes não são estimulados a refletirem sobre essas ações, não sabem do seu direito de ir contra os métodos que muitas vezes são impostos a eles.

Sabendo a diversidade cultural, climática, econômicas, social e política do país, a LDB tenta garantir em seu artigo 26 uma base comum curricular, ou seja, um nivelamento do conhecimento em todas as escolas no Brasil, mas respeitando as necessidades específicas de cada localidade, conhecida como parte diversificada, que dá autonomia para que os sistemas de ensino trabalhem as práticas pedagógica e conhecimentos que tenham relação com cada realidade local,

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2014, P. 19).

A educação baseada nesse artigo deveria ser dada de forma totalmente diferente em todos os lugares, principalmente entre as regiões, pois embora façam parte da mesma nação, diferem muito na maneira de ser e estar em meio a sociedade, a cultura que é parte fundamental da nossa formação, a maneira de trabalho entre outros aspectos que interferem muito na educação.

É cobrada no artigo 14 da LDB a participação de toda a comunidade escolar (estudantes, professores, pais...) nas tomadas de decisões da escola, em busca de uma gestão democrática,

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 2014, p. 15).

É importante garantir essa participação, principalmente de pais e estudantes, para que a escola seja um espaço significativo, tenha a “cara” da comunidade e para que o projeto político pedagógico que é o instrumento que reflete e referencia a proposta educacional de cada escola, não seja apenas um documento burocrático. Que seja desenvolvido através dessa parceria e diálogo entre toda a comunidade escolar, um trabalho coletivo para a execução das demandas e objetivos estabelecidos.

Não podemos negar que as leis que regem a educação embora tenham algumas falhas, foram muito bem pensadas para uma escola de qualidade, que funcione para o pleno desenvolvimento do estudante, tanto na esfera educacional, profissional e pessoal. Respeitando e protegendo nossas crianças e adolescentes, assim como é mostrado no Art. 54 do ECA, que diz que é dever de o Estado assegurar à criança e ao adolescente:

- I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
 - II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;
 - III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
 - IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;
 - IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade;
 - V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
 - VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;
 - VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.
- § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.
- § 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.
- § 3º Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola. (BRASIL, 1990).

Para assegurar os cuidados para com os educandos, no Art. 56 do ECA, está previsto que os responsáveis pelos estabelecimentos de ensino fundamental, deverão comunicar ao Conselho Tutelar ou em alguns casos diretamente ao Ministério Público, qualquer evidencia de casos de maus-tratos envolvendo seus estudantes; termo esse que deve ser interpretado tanto para violência física, psicológica e/ou sexual. O Ministério Público, fica responsável por verificar a veracidade da denúncia, e caso comprovada, fica incumbido de propor ação penal contra os infratores, afastando-o da moradia comum (cf. art. 130, do ECA) e até mesmo a suspensão ou destituição do poder familiar (cf. art. 201, inciso III c/c arts. 155 a 163, do ECA).

Outro ponto de importante destaque e critica, é sobre o Ensino Religioso nas escolas, essa não é uma disciplina obrigatória, ela tem cunho facultativo, como consta no Art. 33. da

LDB, “O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo” (BRASIL, 2014, p. 24). Será que os educadores com seus princípios, bem como as famílias, conseguem aceitar e trabalhar com essa diversidade? Como é feito o preparo, a formação dos educadores para oferecerem um ensino pautado em nossa carta Magna, a Constituição Federal, que prevê um Estado laico e uma pluralidade religiosa? Se não é dada essa formação, o ensino da educação religiosa tende a ficar restrito a uma única corrente, linha de pensamento, seja por falta de informação, ou não aceitação e intolerância religiosa.

A CRÍTICA À ESCOLA

A escola no formato que temos hoje é um dos principais aparelhos ideológicos e de controle da população, principalmente da juventude, liderada pelo Estado.

O atual processo educacional dentro da estrutura dos Estados Modernos age de forma a domesticar a classe operária, assim, passa a ser mais uma ferramenta de alienação do Estado para com esta classe, junto com o exército e a igreja, que de acordo com ALTHUSSER, são utilizadas para que se possa manter o controle do proletariado, como for conveniente à classe burguesa (REVISTA LABIRINTO – ANO XI, Nº 15 2011).

A escola tem como uma de suas funções a transformação da sociedade “sabe-se que só existem três maneiras de se transformar uma sociedade: guerra, revolução e educação. Dentre as três, a Educação é a mais viável, a mais passiva, porém a que os efeitos só se tornam visíveis em longo prazo” (PORTAL EDUCACAO, 2012), assim como a função de controle de massa, encadeada por interesses de elites, marcando bem as desigualdades sociais. Mas embora a educação antes fosse para poucos, não era padronizada, tão pouco impositiva, quem buscava por “educação”, decidia com quem teriam suas aulas, o que queriam aprender, aonde e como isso seria feito. Nossa escola não dialoga com quem realmente deveria dialogar, ou seja, com os estudantes, que são os protagonistas do espaço escolar, o que traz vários questionamentos sobre a sua função social, por que a escola não faz seus estudantes pensarem a respeito dela, o porquê de eles estarem ali, ou o porquê da escola continuar a existir nesse mesmo modelo de séculos passados?

Para Alfredo Veiga Neto, citado por Ferrari, (EDUCAR PARA CRESCER; 2011), a escola segundo Foucault "são aquelas instituições que retiram compulsoriamente os indivíduos do espaço familiar ou social mais amplo e os internam, durante um período longo, para moldar suas condutas, disciplinar seus comportamentos, formatar aquilo que pensam etc”.

A escola se organiza de forma a manter a disciplina, isso desde a organização do espaço físico, salas com fileiras umas atrás das outras para facilitar o controle do professor que ministra suas aulas em pé ao centro, até o currículo totalmente fechado, que embora estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 58. que “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura”, nós que passamos aproximadamente 15 anos na escola, sabemos que infelizmente não é assim que acontece, somos preparados única e exclusivamente para o mercado de

trabalho ou o tão sonhado vestibular, cheio de conteúdos e regras que não fazem o menor sentido, pois os indivíduos não aprendem por aprender, o processo de aprendizagem tem que ser significativo, o aprender depende de um desejo pessoal, para isso o estudante tem que se sentir parte do processo, suas experiências devem ser levada em consideração, “o saber que não passa pela experiência pessoal não é saber. A psicologia exige que os estudantes não aprendam apenas a perceber, mas também a reagir: acima de tudo, educar significa estabelecer novas reações, elaborar novas formas de conduta” (VIGOTISKI, 2003, p.76).

A escola é como um grande jogo de quebra cabeça, onde os estudantes são colocados para serem as peças e os professores para serem os jogadores, que devem fazer com que todas as peças se encaixem perfeitamente no menor tempo possível e seguindo a risca as regras do jogo. Porém existe casos em que os estudantes não querem ou não conseguem se enquadrar em meio a tantas normas, eles questionam, ‘desobedecem’, não acompanham o ritmo da turma e a escola não tenta dialogar para entender o que leva a tais situações e tentar inclui-los ao ambiente de forma significativa, simplesmente começam a excluí-los ainda mais e culpabilizá-los pelo que chamam de “fracasso escolar”, ou afirma também que a culpa é do professor, que dentro desse sistema também é oprimido, que não tem executado bem o seu papel, pois transferir a responsabilidade de problemas que acontecem dentro da escola, por circunstâncias estruturais, para estudantes e professores, é mais cômodo do que fazer uma autocritica sobre como, para que e para quem é essa escola que temos hoje.

A atividade de autocritica é um processo difícil, pois necessita aceitar para tentar resolver o que está errado, mas o que fazer quando o erro é proposital? A escola não ensina a pensar, pois o pensar é um exercício que transforma, Freud diz que “o pensamento é o ensaio da ação”, as reflexões e inquietações garantidas pelo pensar, podem gerar grandes revoluções e o Estado, mascarado de escola, quer o controle, e não permitirá uma escola crítica, que possa se voltar contra ele, “Eles impõem a verdade absoluta e se você refuta, a resposta vem com força bruta” (CUTRIM, et al, 2014).

Uma das maiores provas de que a escola é um lugar de poder, é que desde seu surgimento, tem sido ela a responsável por certificar para toda a sociedade, quem é capaz e quem não é e quem pode fazer o quê, pois como já dito aqui, a escola é vista como um lugar de segurança, de confiança e o que é dito na escola tende a se tornar um dogma ou uma verdade absoluta.

Para Silva, citado por Tunes (2011), “a conversão do conhecimento em mercadoria, gera o monopólio do saber: os que detêm o conhecimento científico, autorizado, desqualificam os que não o têm. O conhecimento cotidiano é transformado em ciência que

não está disponível a todos” (TUNES, 2011, p. 19), a educação se torna mercadoria quando a sociedade em meio ao desenvolvimento capitalista, industrial, tecnológico, passa a querer comprar um conhecimento que não é capaz de criar, apenas em busca de diploma, pois os níveis de escolaridade são vistos como forma de ascensão social, de poder, pois a “ilusão promovida pela ideia de que a exclusão social é consequência da prática da escola fortalece o mito de que a ascensão social também dependera apenas do nível de escolarização” (TUNES, 2011, p. 21).

Além do papel de controle social tido na escola, outros fatores influenciam para a educação escolar que temos hoje, podemos atribuir à problemática da educação o despreparo profissional dos educadores, principalmente por que vivemos na era das tecnologias e do acesso fácil, embora mecânico e raso das informações, salas de aula superlotadas, cursos de formação acelerados, apenas para acumulação de títulos, salários baixos, falta de recursos financeiros para investimento em melhorias nas escolas, currículos pré-elaborados pelo governo, muitas vezes por pessoas que não entendem de educação, dentre tantos outros fatores, tudo em busca da redução de custos.

No ano de 2015 o governo estadual de São Paulo, anunciou uma proposta de reestruturação da rede escolar, onde as escolas seriam separadas, para que cada unidade passasse a oferecer aulas de apenas um dos ciclos da educação (ensino fundamental I, ensino fundamental II ou ensino médio), com essa proposta estavam previstos o fechamento de aproximadamente 93 escolas. Após a divulgação dessa reestruturação, o movimento estudantil secundarista foi às ruas se manifestar e ocuparam SUAS escolas como forma de protesto pedindo o fim desse projeto, entre várias palavras de ordem, eles gritavam, “SALVEM A MINHA ESCOLA”. Com isso podemos ver que a crítica a escola é feita não por que queremos acabar com ela, pelo contrário, acreditamos no poder que a mesma tem de transformação, mas ela deve ser um espaço que oferte mais possibilidades, garanta e se faça cumprir os direitos e deveres, mas isso só será possível com uma nova escola.

A ESCOLA QUE SONHAMOS

Muito tem pensado sobre uma nova escola, e não só por estudiosos ou pessoas formadas na área da educação, percebemos isso quando vemos as crianças e os jovens, mesmo em meio a tanta represaria, com a escola, o Estado e os meios de comunicação tentando cega-los e silencia-los a todo momento, resolvem se manifestar, questionar e expor suas inquietações e insatisfações com a escola, ambiente esse que passam a maior parte do tempo.

A escola que sonhamos não é muito diferente do que temos registrado em lei no Brasil, mas que não é garantida. Ela deve ser um instrumento de inclusão social e não o contrário, respeitando o tempo de cada um, suas experiências e concepções de vida.

Moacir Gadotti citado por Oliveira diz que:

A escola deve ser como um organismo vivo. Ou seja, a educação que tem por base a emancipação deve formar para quebrar a centralização e isso só é possível se o professor compreender que a educação não deve estar centralizada nele, mas sim no aluno. Para isso é preciso reflexão. A reflexão que possibilita a crise, que possibilita mudança, transformação (OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Illich (1988) propõe uma educação em que não seja necessária a figura do professor, por acreditar que o mesmo pode manipular o conhecimento, relativizar os saberes conforme seus interesses, aplicando a ideologia que lhe for conveniente, ou instituição que ele representa. Por isso o professor deve tomar consciência de seu papel e da responsabilidade de sua profissão e da escola.

O professor se torna papel fundamental no processo educativo escolar, não por ser ele o detentor de todo o saber que será passado para o estudante, mas por que é dele a responsabilidade de melhor organizar o espaço educativo de forma que favoreça o processo de “aprendizagem” do estudante, tendo em vista que a educação se dá por meio das experiências e é determinada pelo ambiente, Vigotski diz em seu livro *Psicologia Pedagógica* que o professor “tem de se transformar em organizador do ambiente social, que é o único fator educativo. Sempre que ele age como um simples propulsor que lota os estudantes de conhecimentos, pode ser substituído com êxito por um manual, um dicionário, um mapa ou uma excursão” (VIGOTSKI, 2003, p.296).

Sabendo então que a educação se dá devido às experiências e que toda educação tem um caráter social, para que possamos formar indivíduos críticos e com consciência democrática é necessário inseri-los nesse contexto, e a escola é um dos principais locais para trabalhar a democracia, por meio da experiência, tendo em vista que nela somos colocados em

contato com pessoas desconhecidas, com opiniões diversas e para conseguirmos manter um ambiente social agradável, temos que aprender a lidar e respeitar as diferenças, trabalhar em grupo, tomar decisões coletivamente, que sejam o melhor para o grupo, além de que toda relação deixa um pouco de si no outro, logo podemos afirmar que “a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação” (ADORNO, 2012 apud BOMFIM, 2015).

Devemos lutar por uma escola que favoreça para uma educação não alienada, que segundo Oliveira “deve ter como finalidade a formação do homem para que este possa realizar as transformações sociais necessárias à sua humanização, buscando romper com os sistemas que impedem seu livre desenvolvimento” (OLIVEIRA, p..2).

Vários são os estudiosos que contribuem com seus pensamentos a respeito dessa nova escola. Comenius, a quem conhecemos como o pai da didática, diz que a escola é um espaço fundamental da educação do homem, estruturando seu pensamento na máxima: Ensinar tudo a todos, ele acredita na escola como uma grande aliada nesse modelo de construção do saber e que quando a educação é concebida em um ambiente apropriado, bem estruturado e organizado para que os estudantes sejam os protagonistas, com diálogo e através da experiência é que se formam indivíduos capazes e atuantes no mundo.

Maria Montessori, a partir de experiências com o ensino de crianças, conclui que o espaço físico ideal para uma escola é uma casa com jardim cultivado pelas próprias crianças, com liberdade, onde elas aprendam a se desenvolver sem a ajuda dos adultos, pois para ela o ambiente do adulto se torna um obstáculo para o desenvolvimento das crianças e tendo um ambiente adequado aos movimentos das mesmas, a manifestação psíquica acontecera de forma natural resultando uma aprendizagem saudável.

Podemos perceber que inevitavelmente a organização do espaço escolar é fundamental e necessária em todo o processo educacional e que a experiência é a responsável pela aprendizagem.

Não devemos pensar essa nova escola como uma escola de educação alternativa, como chamamos as inúmeras escolas que tem surgido pelo mundo, queremos que essas escolas sejam tidas como universais, que busquem o crescimento do estudante para a vida em sociedade e não para o mercado de trabalho como as nossas escolas técnicas têm feito. Se o Estado fosse capaz de oferecer para a população a escola que está prevista em lei, como na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da educação, no Estatuto da Criança e do Adolescente, já caminharíamos muito para alcançar a realização da escola que queremos, mas mesmo assim ainda precisaremos mudar o foco da educação nessas instituições de ensino, “se

o que vier a presidir a sua organização for a aprendizagem, não haverá a necessidade de um remédio universal. O ensino e o aprender serão compreendidos como constelações infinitamente diversas, uma atividade de criação muito mais artesanal” (TUNES, 2011, p. 12).

Pacheco (2016) educador português, idealizou uma escola que fugisse do padrão tradicional e concretizou esse sonho com a criação da escola da Ponte, escola essa que não trabalha com base na seriação ou ciclos e os professores não são responsáveis por uma disciplina ou turma específica, os estudantes são os principais protagonistas desses espaços e das tomadas de decisões referentes às normas da escola e de sua aprendizagem individual e coletiva, uma escola que incentiva e propicia a autonomia de seus educandos. Sendo um dos principais fatores que contribuem para que esse sistema proposto por Pacheco esteja dando certo é por que os professores estão abertos a mudanças e porque as famílias dos estudantes também confiam e defendem essa escola. Esses fatores são fundamentais para a mudança em qualquer projeto de escola, pois a família principalmente tem uma carga muito importante nesse processo, pois é quem faz a ponte entre escola e sociedade, escola e estudante.

A escola deve ser um espaço de diálogo, de construção coletiva, construção de saberes significativos para seus agentes, uma educação que seja capaz de transformar os indivíduos que serão os responsáveis pela transformação do meio em que vivem.

A escola é o espaço onde se dá o diálogo entre os homens, mediatizados pelo mundo ao redor, surgindo daí a necessidade de transformação do mundo. Não devemos chamar o povo à escola para receber instrução, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (FREIRE, apud SALES 2016).

Nossas crianças precisam de uma escola que possibilite a elas imaginar e criar, que organizem os espaços de forma que as combinações das experiências vividas possam resultar coisas novas, Vygotsky (2009) diz que “pouco se importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta”.

CONCLUSÕES

A escola é um lugar de poder, onde as pessoas vão por conta própria ou são obrigadas a irem em busca do saber, porém a educação dada na escola tradicional que conhecemos tem como objetivo o controle social e preparar máquinas de vestibular e no caso das escolas técnicas, preparar mão de obra, preparar única e exclusivamente para o trabalho, com isso os educandos não são questionados sobre a sua posição, sobre o papel da escola, sobre a vida. Mas isso não é só no Brasil e não é de hoje, o problema educacional vem de muito tempo e carrega hoje marcas fortíssimas de outros contextos históricos.

As leis brasileiras que tratam da educação, tende a formar uma escola plural, diversa, que prepare para a vida em sociedade e para o trabalho, não anulando a importância de nenhum desses dois fatores, porém ficamos na teoria, na pratica é tudo bem diferente, vemos escolas que ensinam o individualismo, a falta de senso crítico, a competitividade, que não ligam para as experiências dos estudantes e têm os professores como detentores de todo o conhecimento, mas não posso julgar os professores por isso, os mesmos têm uma formação hierarquizada e acabam reproduzindo isso na escola, são “obrigados” a seguirem um sistema que é superior a eles e poucos são só que tem disposição para buscar a mudança, devido principalmente a desvalorização da profissão. José Pacheco me disse uma vez em uma conversa particular que para que haja a mudança, os professores precisam ter mais questionamentos que certezas.

Mesmo com toda a dificuldade que enfrentamos é possível sim uma escola diferente, mas para isso precisamos estar junto de pessoas que queiram essa mudança e estejam dispostos a enfrentar vários obstáculos, mudanças inclusive de planejamento, muitas vezes planejamos ações que mudam e acabam tendo um fim inesperado.

Educação não é mercadoria e a escola deve educar pelo educar e não visando outras finalidades.

..

PERSPECTIVAS FUTURAS

Desde que decidi fazer pedagogia, o meu desejo era de trabalhar dentro da escola, principalmente com a educação infantil, mesmo sabendo das mais diversas áreas de atuação que o curso proporciona.

A minha vontade de estar na escola vinha do desejo de ser uma professora diferente, que os estudantes nunca esqueceriam, por toda aquele discurso de docilização da profissão que escutamos diariamente.

Hoje, quero estar na escola para auxiliar os estudantes a serem mais críticos, pensarem a escola que querem, para que então juntos possamos muda-la, pois, ter esse tipo de discussão e reflexão sobre a importância da escola tal como ela é ou não, dentro da academia é muito cômodo, meu papel é levar essas discussões para outros ambientes, para os protagonistas dessa instituição chamada escola.

Além disso, espero levar inquietações para outros educadores, principalmente aqueles que já estão cansados da escola como um todo, desmotivados, pois como já mencionado, são as incertezas que nos fazem buscar respostas, ir atrás de mudanças.

Quero contribuir pelo menos para que as próximas gerações não “sofram” tanto na escola como as crianças e adolescentes sofrem hoje em dia.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Yuri Mello Chagas. **O sentido da escola: qual a função da escola para a comunidade escolar do CEAN (Centro Educacional Asa Norte)?**. 2015. 40 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 10ª ed.; Brasília: Câmara dos Deputados: Coordenação Edições Câmara, 2014.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**.

FERRARI, Márcio. **Michel Foucault**. Disponível em:

<<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/michel-foucault-307907.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

FUJITA, Luiz. **Qual foi à primeira escola?** Disponível em:

<<http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/qual-foi-primeira-escola-425383.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

ILLICH, Ivan. **Sociedades sem escolas**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 8ª Edição, 1988.

LINO, Leojaimé. **UMA SOCIEDADE SEM ESCOLA: A (DES) ESCOLARIZAÇÃO, DENTRO DA VISÃO DE IVAN ILLICH**. *Revista Labirinto* – ano XI, nº 15 de 2011.

PACHECO, Jose. Comunicação pessoal. Brasília 2016

PORTAL EDUCACAO, **A Função Social Da Escola**. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/14360/a-funcao-social-da-escola>>.

Acesso em: 20 dez. 2016.

SALES, Antônia de Jesus. **A Escola Através dos Tempos**. Disponível em:
<<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-escola-atraves-dos-tempos.htm>>.
Acesso em: 28 nov. 2016.

TUNES, Elizabeth. **Sem Escola, Sem Documento**. Rio de Janeiro: e-papers, 2011

UOL, Educação. **Brasil tem 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países, diz Pnud**.
Disponível em:
<<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evacao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

VIGOTSKY, Liev Seminovich; trad. Claudia Shilling. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.